

LEGH ON-LINE: UM ESTUDO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA NA INTERNET¹⁶⁵

AILÊ V. GONÇALVES
EMILI CRISTIE MARCHIORI,
MARINA DE OLIVEIRA BORTOLATTO
ELAINE SCHMITT

Introdução

Este capítulo pretende abordar o uso feito da plataforma de *site* e de redes sociais on-line do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como o canal do YouTube “Gênero e História” e das contas do Facebook e Instagram, enquanto ferramentas de comunicação, interação e divulgação científica.

Amparado pela metodologia da netnografia (KOZINETTS, 2014) e em diálogo com uma perspectiva feminista crítica, o levantamento realizado demonstrou dados significativos sobre como o *site*, as redes sociais on-line e a internet colaboram para o compartilhamento e divulgação de conhecimentos relacionado às temáticas de história e gênero, além de debates voltados para a história oral, feminismos, diversidade, história das mulheres, política, memória e interseccionalidade. Além disso, a conectividade ligada ao Laboratório pôde ser compreendida como um elemento que favorece tanto a democracia, quanto o combate à desinformação e à misoginia cada vez maior no ambiente on-line, oferecendo, potencialmente, o fortalecimento de uma conexão social de solidariedade feminista.

Através das ferramentas de análises de dados YouTube Studio e Meta Business Suite, foi estabelecido o recorte temporal de cerca de um ano (2022 – 2023) para a análise de redes sociais, de forma que pudéssemos entender o comportamento das métricas de acessos, perfil do público, alcance e engajamento, ou seja, aquelas postagens que foram mais curtidas e mais comentadas do perfil. Já para a análise do *site*, foi utilizada a ferramenta Google Analytics, que pretendeu responder as seguintes questões: existe uma estrutura de comunicação, além de padrões de relações ou “vínculos” sociais nesta comunidade on-line?; qual o conteúdo das suas comunicações?; existe um fluxo entre esta comunidade eletrônica e outras?; poderíamos comparar a estrutura da comunidade on-line em relação à sua atividade *face a face*?

165 O presente estudo faz parte do Projeto “Internet como campo de disputa pela Igualdade de Gênero”, realizado no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A internet, tal como a conhecemos hoje, expandiu-se de maneira impressionante em termos de acesso e usuários, bem como na criação de conteúdos culturais e midiáticos, desafiando as hegemonias tradicionais na produção do conhecimento humano (AGUIAR, 2019, p. 117). Suas trocas foram ampliadas e a informação disseminada numa escala muito maior que o contato presencial, indicando a internet como um importante espaço para difusão do conhecimento, divulgação científica e estabelecimento de redes entre diferentes sujeitas e sujeitos. Mariana Valente (2023) demonstra a construção de redes e ocupação do meio on-line por parte do movimento feminista, em oposição a um espaço marcado pela misoginia:

[...] podemos ver que movimentos feministas se apropriaram da internet desde o início – bem como recorreram a outras tecnologias da comunicação que a antecederam, e foram também transformados por ela. Referir-se a isso é central por dois motivos: primeiro, porque a internet não é apenas misógina. Com certeza, ela vem sendo um espaço de novas possibilidades expressivas também para as mulheres, pessoas LGBTQUIP+, negras e indígenas. Segundo, porque se a misoginia é um sistema de vigiar e fazer valer a subordinação das mulheres, como definimos antes, um produto intencional ou indireto da misoginia na internet é atuar nas entranhas desses espaços de articulação e agência”. (VALENTE, 2023, p. 53)

Diante desse panorama, surgiu a necessidade crescente de desenvolver novas abordagens para a pesquisa social etnográfica nesses meios. De acordo com Kozinetz (2014, p. 47), “o uso de levantamentos no âmbito da internet fornece uma visão geral da área das comunidades on-line, a partir da qual podemos discernir padrões em ampla escala”. Nesse sentido, os levantamentos desempenham um papel fundamental ao possibilitarem a análise das atividades das pessoas em comunidades on-line, e a maneira como essas comunidades e suas práticas culturais impactam diversos aspectos de suas vidas cotidianas. Dentre as possibilidades apresentadas pelo autor, e adaptando a metodologia proposta a ferramentas mais atuais, optamos por um tipo de levantamento que trata de tópicos de comunidade on-line e que revela determinados aspectos tanto da comunidade em questão (comunidade LEGH), quanto da sua cultura on-line.

A seguir passamos para o levantamento em questão, mas, antes, acreditamos na importância de contextualizar historicamente o LEGH, que, neste estudo, se torna objeto de investigação.

O Laboratório e sua entrada na internet

O atual Laboratório de Estudos de Gênero e História deriva de uma série de transformações na nomenclatura e adaptações temáticas, presente desde 1985 como “Núcleo de Informação e Pesquisa da História do Trabalho em Santa Catarina”, e passando também por “Laboratório de História Social”. Em 2006, assume a configuração atual, com seu enfoque na produção do conhecimento historiográfico sobre as relações de gênero. Desde então, desenvolve pesquisas, eventos, palestras, oficinas, grupos de estudo e orientação de trabalhos no campo de estudos de gênero. Além disso, também constituiu um acervo de documentos digitais e físicos (Janine SILVA, Joana PEDRO e Cristina WOLFF, 2018; Binah IRE e Janine SILVA, 2019).

No que diz respeito à sua trajetória on-line, ela tem início com a criação do *site*, em 2010, seguida pela criação das redes sociais Facebook (2012) e posteriormente Instagram (2018). No ano de 2020, também foram criadas contas no YouTube e Twitter/X, porém a última não foi levada adiante, pois não se adequou aos interesses do laboratório.

Além dessas redes, o LEGH possui uma comunidade no Repositório Institucional da UFSC, onde estão hospedadas muitas de suas publicações e arquivos. As entrevistas orais estão nesse repositório, porém não são acessíveis ao público. Entretanto, não iremos tratar, neste capítulo, do repositório, já que este se dedica a uma análise do *site*¹⁶⁶, da página “Laboratório de Estudos de Gênero e História”¹⁶⁷ no Facebook, do perfil no Instagram @legh.ufsc¹⁶⁸ e do canal “Gênero e História”¹⁶⁹ no YouTube, o que inclui, ainda, uma discussão com teor histórico que buscou colaborar com a construção histórica desse laboratório de pesquisa.

Outra iniciativa que colaborou não somente para a entrada, mas também para a consolidação da presença do LEGH na internet, foi o projeto “Redes e Ações de Divulgação Científica no Laboratório de Estudos de Gênero e História”, coordenado pela Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff, e cujo objetivo foi fortalecer a presença do Laboratório nas redes sociais, promovendo a divulgação de suas atividades, eventos e produções acadêmicas. Apesar de sua execução ter sido realizada sem qualquer tipo de financiamento, informação que nos ajuda a ver a disparidade entre os investimentos feitos nas áreas das humanas, principalmente quando comparadas com às tecnológicas, iniciativas como a criação do canal “Gênero e História” no YouTube e publicações regulares nas redes sociais efetivamente ampliaram o alcance do LEGH, que é procurado e encontrado por pessoas interessadas de todo o Brasil, e também do exterior.

O *site* oficial

Diferente das redes sociais, como Instagram, Facebook e YouTube, que são plataformas altamente interativas e projetadas para facilitar a comunicação, interação e compartilhamento de conteúdo entre usuários, permitindo que as pessoas se conectem, comentem, compartilhem, curtam e participem ativamente, um *site* estático teria uma presença on-line mais passiva, com conteúdo construído que se refere apenas aos objetivos da instituição e não envolve interações complexas de usuário. Seu objetivo maior é apresentar informações institucionais de maneira rápida e direta, com um design fixo e uma estrutura que permanece consistente, oferecendo uma experiência de usuário ágil e sem a necessidade de atualizações frequentes.

Dessa forma, o *site* oficial do LEGH é dedicado aos resultados, pesquisas e discussões elaboradas no próprio Laboratório. Desde 2010, é utilizado com o propósito de promover a divulgação das atividades, pesquisas e projetos em andamento, além da organização sobre o que e quem o constitui. Outra característica é seu papel como repositório de recursos, reunindo a memória da “comunidade”, o que abrange notícias sobre eventos relacionados e iniciativas extensionistas.

Sua estrutura é projetada para atender às diversas necessidades dos visitantes e membros do LEGH, proporcionando acesso a um abrangente conjunto de recursos e informações. A estrutura do *site* pode ser dividida nas seguintes seções: Agenda do LEGH; Aulas, conferências e entrevistas; Canal Gênero e História; Grupo de Pesquisa; Leituras do LEGH; Observatório Sul-Sudeste INCT Caleidoscópio; Projeto Internet e Igualdade de Gênero; Projeto Mandonas; Projetos Finalizados; Quem somos; Pesquisas; Professoras/es; Pesquisadoras/es; Acervo; Publicações e Jornadas do LEGH.

166 <https://legh.cfh.ufsc.br>.

167 <https://www.facebook.com/legh.ufsc>

168 <https://www.instagram.com/legh.ufsc/>

169 <https://www.youtube.com/@GeneroeHistoria>.



Figura 1 – Captura de tela da página inicial do site oficial do LEGH, de 2023

Fonte: *site* oficial, acessado em 24 de novembro de 2023.

Essa estrutura desempenha um papel fundamental na apresentação ordenada de informações. A apresentação começa com uma página inicial que serve como ponto de entrada, destacando grupos de leitura e eventos organizados pelo LEGH. Em seguida, os visitantes podem ser direcionados para seções específicas, que contém desde a história e objetivos do laboratório até informações sobre a equipe, projetos e eventos.

A plataforma na qual o *site* oficial do LEGH está inserido é a mesma que o *site* da Universidade Federal de Santa Catarina utiliza, e também *sites* vinculados a ela pelo domínio (.ufsc). Assim, sua navegação padrão é projetada de forma intuitiva, facilitando a localização de conteúdo relevante. Além disso, existe um recurso de busca para uma pesquisa mais eficiente, enquanto menus de navegação claramente categorizados organizam o conteúdo de maneira acessível.

Sobre seu público

De acordo com informações coletadas pela ferramenta Google Analytics, o *site* oficial do LEGH, nos últimos noventa dias (o período se refere 02 de agosto de 2023 a 30 de outubro de 2023), teve o alcance de 822 usuários, sendo que 789 são novos e tendo um número de acessos semanais médio de 63.

Ao analisar os dados demográficos, percebemos que a maioria dos acessos é nacional. No Brasil, as cidades com mais acessos ao *site* oficial do LEGH são, respectivamente, Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Blumenau, Joinville, Porto Alegre, Curitiba, Palhoça e São Bernardo do Campo. Podemos perceber acessos de vários lugares do mundo, contando com novos usuários e usuários recorrentes, como demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 1 – Registros de origem e acessos de usuários

País	Usuários	Novos usuários
Estados Unidos	45	44
Argentina	9	9
Canadá	9	9
Portugal	6	5
França	5	5

Fonte: Os dados apresentados foram extraídos do Google Analytics

No decorrer da pesquisa, foi possível observar a variedade de maneiras pelas quais os visitantes descobrem o *site* do LEGH. A maioria das pessoas, representando 65,16%, acessa o site por meio de pesquisas no buscador Google. Um contingente significativo, correspondendo a 26,76%, chega digitando diretamente o link do *site* na barra de endereço, seja por links encurtados ou encaminhados por e-mail. Além disso, 7,99% encontram o *site* do Laboratório por meio de links externos, referências ou citações em outros *sites*. Essa análise oferece informações sobre os comportamentos dos usuários e destaca a importância de otimizar a presença on-line para maximizar a visibilidade e acessibilidade do LEGH.

Foi possível perceber que a presença de um *site* institucional, como o oficial do LEGH, desempenha um papel crucial para a instituição, indo além das redes sociais. Ele atua como um ponto de referência oficial, estabelecendo credibilidade e autenticidade. Além disso, serve como um arquivo permanente de informações, permitindo que os visitantes acessem dados passados, presentes e futuros e garante independência das mudanças nas políticas e algoritmos das redes sociais, mantendo o controle sobre a visibilidade de suas informações.

A página no Facebook

A criação da página “Laboratório de Estudos de Gênero e História” no Facebook ocorreu no dia 30 de outubro de 2012. O Facebook sempre foi utilizado como meio de divulgação, comunicação e compartilhamento de projetos e estudos relacionados ao curso de História e principalmente do laboratório – como as pesquisas, eventos e livros. Além disso, na página eram divulgados links de notícias do país e do mundo, relacionadas a gênero, feminismos, coletivos, entre outros, assim como acontecimentos políticos, como foi o caso dos atos do 15M em 2019, contra os cortes na Educação, em Santa Catarina.

Foi no Facebook do LEGH que também houve a divulgação virtual das primeiras *Jornadas do LEGH*, em 23 de novembro de 2015. Atualmente, com 4.782 seguidores e 4.634 curtidas, a página está acima do 75º percentual para a métrica das páginas na mesma categoria.

Fazendo uma análise da sua linha do tempo, as publicações com maiores engajamentos foram referentes à divulgação de oficinas, livros e prêmios nos quais o laboratório esteve diretamente relacionado, seja com suas organizadoras ou pesquisadoras. Em 7 de janeiro de 2020, por exemplo, a publicação do livro *Feminismos e Democracia*, dos organizadores Joana Maria Pedro e Jair Zandoná, alcançou 132 reações, 115 compartilhamentos e 11 comentários, a publicação com mais interações.

Sobre o seu público e alcance

Como coleta de dados para o público e o alcance da página, utilizamos a ferramenta do *site* Meta Business Suite¹⁷⁰, que permitiu levantar os dados dentro do período de 25 de agosto de 2020 a 24 de setembro de 2023. Com isso, podemos perceber que dentre os seus 4.782 seguidores, a página do LEGH tem 63,7% de mulheres e 36,3% de homens. Já na *Faixa Etária e Gênero*¹⁷¹, o grupo que fica em 1º lugar no ranking é o de 25 a 34 anos (sendo 24,5%, mulheres e 12,0%, homens), seguido do grupo de 35 a 44 anos (sendo 19,9%, mulheres e 11,4%, homens).

É interessante analisar geograficamente como esse público está espalhado, sendo dividido em 93,1% no Brasil, 0,9% na Argentina, 0,9% em Portugal, 0,5% na Espanha, 0,5% nos Estados Unidos, 0,5% no México, 0,4% em Angola, 0,4% em Moçambique, 0,3% no Chile e 0,3% na Itália. Não só as proporções são relevantes, mas também o seu alcance até esses países. Sendo o Brasil o país que maior concentra os seguidores, a disposição nas cidades está dessa forma: Florianópolis, SC (10,7%), São Paulo, SP (6,9%), Rio de Janeiro, RJ (6,2%), Porto Alegre, RS (3%), Salvador, BA (2,3%), Fortaleza, CE (2,2%), Curitiba, PR (2%), Belo Horizonte, MG (1,8%), Belém, PA (1,4%) e Brasília, DF (1,2%).

Além disso, o LEGH no Facebook possui um alcance de 1.554 (45,3% negativo) via distribuição orgânica, isto é, entre publicações, *stories*, anúncios, marcações e visitas à página. Os picos de maior alcance foram nos dias: 24 de janeiro 2023 com 239 e 07 de agosto de 2023 com 222, com a divulgação do episódio #16 do *Conversa com as Autoras!* e da *Abertura das Inscrições* de propostas para minicursos e lançamento de livros, revistas e materiais didáticos da *V Jornada do LEGH*.

Em relação à expansão da página, no que diz respeito a *Novas curtidas*, a página registra um total de 49, com uma predominância significativa de 90,9% de resultados negativos, indicando uma redução ou diminuição nas novas curtidas. Destaca-se um pico notável em 7 de janeiro de 2023, quando foram registradas 4 novas curtidas. Quanto às visitas à página, a média é de 202, com uma taxa de resultados negativos de 25,5%. Esse percentual sugere uma diminuição nas visitas em comparação com períodos anteriores, indicando um possível declínio no tráfego ou engajamento com a página.

Por outro lado, as variações positivas, embora em menor proporção, indicam momentos de crescimento ou destaque. Por exemplo, o pico registrado em 7 de janeiro de 2023 nas novas curtidas e o pico de 18 de setembro de 2023, com 20 visitas no dia, sugere um resultado positivo, indicando um aumento temporário nas interações.

Esses dados indicam uma dinâmica mais complexa de interação, sugerindo que, embora o número de novas curtidas seja predominantemente negativo em termos de variação, as visitas à página mantêm um nível de engajamento equilibrado. É importante ressaltar que as porcentagens “negativas” também refletem a migração dos usuários do Facebook para o Instagram e outras redes. Essa dinâmica sugere que o engajamento está intrinsecamente vinculado à frequência de publicações e atividades na rede. Exemplificando, a presença on-line da página tem um impacto direto em seu alcance, indicando que um menor envolvimento resulta em uma redução na visibilidade e interação on-line.

170 Dados retirados do *site* Meta Business Suite (<https://business.facebook.com>). Com acesso em 25 de set. de 2023.

171 Em ordem de decrescente, 25-34 anos (24,5% Mulheres e 12,0% Homens); 35-44 anos (19,9% Mulheres e 11,4% Homens); 45-54 anos (8,8% Mulheres e 6,6% Homens); 55-64 anos (5,0% Mulheres e 3,8% Homens); 65+ anos (2,6% Mulheres e 1,7% Homens); 18-24 anos (2,9% Mulheres e 0,8% Homens).

Sobre o conteúdo

Quando olhamos para o alcance do *Conteúdo*, verificamos que as publicações utilizadas na página são na sua maioria imagens¹⁷² (não há dados de postagem de *stories*), sejam em formato de *Álbuns* ou em *Outras Publicações*. Além disso, com a criação do perfil no Instagram (@legh.ufsc) a página do Facebook compartilhou também essas publicações da rede vizinha.

Geralmente as publicações em *Álbuns* possuem mais alcance e melhor desempenho na distribuição, com 121. As publicações com maior desempenho foram as atuais sobre as inscrições nas *Jornadas do LEGH* (7 de agosto de 2023), 194% maior que o alcance médio das outras (121) publicações.

Porém, olhando mais detalhadamente, podemos perceber as seguintes publicações mais engajadas: em 7 de janeiro de 2020, a divulgação do livro *Feminismos e Democracia*; 26 de outubro de 2021 com o ranking *AD Scientific Index 2021* colocando a Professora Dra. Joana Maria Pedro como uma das pesquisadoras mais influentes da América Latina; 17 de junho 2020 com a *Oficina: Introdução aos Estudos de Gênero e História* e 31 de maio de 2019 divulgando a palestra *Os Retrocessos sobre Gênero e Direitos das Mulheres na América Latina e na Europa: Uma perspectiva Global*, proferida pela Professora Edmé Dominguez Reyes. Como mostra o infográfico a seguir:



Figura 2 – Infográfico de publicações (Facebook)

Fonte: Elaborado pelas autoras com informações retiradas da página “Laboratório de Estudos de Gênero e História” no Facebook.

É interessante perceber que as publicações em que seguidores da página do Facebook e do perfil do Instagram - que será apresentado em seguida - mais engajaram foram as publicações de divulgação de prêmios, lançamentos de livros e teses das pesquisadoras e coordenadoras do Laboratório. É verdade que isso também nos chama atenção para o caráter de exposição, tanto da autoimagem, quanto da filtragem da realidade que essas duas redes sociais interferem na contemporaneidade. Contudo, o que mais queremos destacar é o quanto isso está ligado a um senso de solidariedade¹⁷³ e de conexão social que essas redes potencialmente geram.

172 Porém, há cinco vídeos publicados entre os anos de 2022 e 2019, mas que por conta do filtro do *site* Meta Business Suite não entraram nessa forma mais atualizada de análise da conta.

173 Como trabalhado no vídeo do *YouTube* “Projeto Políticas da Emoção e do Gênero no Cone Sul”, de *Gênero e História*. Disponível em: Solidariedade | Projeto Políticas da Emoção e do Gênero no Cone Sul. Acesso em: 25 de set de 2023.

Outro ponto de destaque é sobre o aumento de curtidas no perfil do Instagram, o que também está relacionado com o aumento de seguidores no perfil e do aumento, de um modo geral, do uso dessa rede social pelas pessoas. Foi perceptível, ainda, a mudança do alcance à faixa etária e gênero pelo público através do Facebook, muito devido ao maior número de seguidores.

Importante destacar que o trabalho desenvolvido nas redes sociais é realizado por bolsistas, estudantes de graduação, pós-graduação e pós-doutorado vinculadas ao Laboratório, dedicando seu tempo e esforço para ampliar o alcance nas plataformas digitais. Notavelmente, esses esforços são conduzidos de forma independente, sem qualquer apoio financeiro (para além do acesso da plataforma que hospeda o *site* institucional), evidenciando o comprometimento da equipe envolvida na disseminação do conhecimento em estudos de gênero e feminismo.

O perfil no Instagram

O @legh.ufsc surgiu em 20 de março de 2018 com o intuito principal de divulgar e registrar a 3ª edição das *Jornadas do LEGH*, evento cujo objetivo é ser um encontro de pesquisadoras/es que iniciaram suas carreiras no Laboratório e que, hoje, estão em várias instituições de pesquisa e ensino no Brasil e exterior¹⁷⁴. Desde então, esta rede é utilizada como meio de divulgação, comunicação e compartilhamento de conhecimento do curso de História da Instituição de Ensino Superior, além do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Dentre o conteúdo produzido, destacamos a divulgação de projetos de pesquisas em andamento e seus resultados, além de convites a outros eventos organizados pelo Laboratório relacionados às temáticas de gênero, raça, feminismos, história das mulheres, política, história oral, entre outros.

Com 1.982 seguidores até o momento da coleta¹⁷⁵, que está acima do 75º percentual para a métrica das páginas na mesma categoria, o perfil recebe 90 novos seguidores em média em comparação às outras contas do nicho. Ao fazer uma análise do *feed* do perfil, que até este momento contém 306 postagens, observamos o compartilhamento das seguintes iniciativas: *Jornadas do LEGH*, *Seminário Internacional Fazendo Gênero*; *INCT Caleidoscópio: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências*; *Colóquio Mulheres no Poder no Brasil e nos EUA*; *Projeto Internet como Campo de Disputas pela Igualdade de Gênero*, *Acervo do LEGH*, *Projeto Políticas da Emoção e do Gênero nas Resistências às Ditaduras no Cone Sul*, *Projeto Mandonas*, Grupo de Leituras do LEGH, entre outros.

Sobre seu público e alcance

Dentre o total de 1.982 seguidores, observamos que 80,9% são mulheres e 19,1% são homens, com a maioria da *Faixa Etária e Gênero*¹⁷⁶ na idade de 25 a 34 anos (sendo 24,5%, mulheres e 12,0%, homens), seguidos de 35 a 44 anos (sendo 19,9%, mulheres e 11,4%, homens)¹⁷⁷. Cabe

174 Para saber mais, acesse: <https://legh.cfh.ufsc.br/jornadas-do-legh/>. Acesso em: 28 de out 2023.

175 Dados coletados em setembro de 2023.

176 Como informa o *site* Meta Business Suite "Os dados demográficos agregados são baseados em diversos fatores, incluindo as informações de idade e gênero que os usuários fornecem em seus perfis do Facebook. Essa métrica é uma estimativa."

177 Em ordem decrescente: Grupos de 25-34 anos (32,9% Mulheres e 7,9% Homens); 35-44 anos (24,3% Mulheres e 5,8% Homens); 18-24 anos (10,5% Mulheres e 2,5% Homens); 45-54 anos (8,4% Mulheres e 2,1% Homens); 55-64 anos (3,5% Mulheres e 0,7% Homens); 65+ anos (1,3% Mulheres e 0,1% Homens).

dizer que a atribuição de rótulos de gênero entre masculino e feminino, ofertada pelo Meta Business Suite, é limitada e pode introduzir erros ou imprecisões, uma vez que reconhecemos as limitações do quadro de gênero binário e a importância da representação não binária em pesquisas futuras. De um ponto de vista interseccional, percebemos ainda que os dados não capturam marcadores importantes como raça, etnia, origem socioeconômica, além de diferenças culturais que também podem contribuir para disparidades dentro da comunidade.

Quando observados os países das pessoas que seguem o perfil, constituindo esta comunidade on-line, encontramos o Brasil com 95,9%, seguido de Argentina (0,6%), Espanha (0,4%), Estados Unidos (0,3%) e Portugal (0,3%). Especificamente no Brasil, os seguidores se dividem nas seguintes cidades: Florianópolis, SC (28,6%), São Paulo, SP (4,3%), Rio de Janeiro, RJ (3,5%), São José (3,2%) e Fortaleza (2,4%).

O perfil do Instagram possui muito mais alcance em comparação à página do Facebook no mesmo período analisado. Com um alcance de 4.635 (36% positivo) entre publicações, *stories* e visitas a páginas via distribuição orgânica. A análise revelou os picos nos dias 23 de janeiro 2023 com 803, 27 de julho de 2023 com 800 e 14 de março de 2023 com 678. As postagens abordavam os seguintes temas: resenha do livro *Mulheres de Luta: Feminismo e Esquerdas no Brasil (1964–1958)*, publicada na Revista Fenix, o convite para a banca de defesa da pesquisadora Camila Diane Silva, intitulada “Entre Repressões e Resistências: Memórias Lesbianas no Contexto da Ditadura Civil-Militar Brasileira e Redemocratização (1968–1988)” e o retorno das atividades do Grupo de Estudos do LEGH naquele ano.

Os dados sobre as visitas ao perfil revelam um engajamento significativo, com um total de 2.335 de visitas, indicando uma taxa positiva de 73,9%. A tendência de angariar novos seguidores mantém uma média consistente de 581, com uma taxa positiva de 14,4%. Esses números refletem a relevância e o impacto positivo do conteúdo compartilhado pelo perfil, demonstrando um crescente interesse e interação da comunidade on-line com as atividades do Laboratório de Estudos de Gênero e História.

Com esses dados, podemos perceber que ao longo do ano de 2023 o LEGH conseguiu um alcance maior que nos anos anteriores, e que as *V Jornadas* tiveram um papel importante nessa divulgação de conteúdo, já que muitos avisos e prazos relacionados ao evento, e que eram primeiramente publicados no site, foram divulgados pelo perfil do Instagram por meio de hiperlinks e notícias relacionadas. Este aumento de visibilidade sugere uma crescente relevância e interesse na comunidade on-line, consolidando o @legh.ufsc como uma referência ativa no cenário digital em estudos de gênero e história.

Sobre o conteúdo

Com uma atividade maior no perfil do Instagram, as publicações utilizadas na página são através de imagens e *stories* (sem dados de *reels*), com alcance de 2,1 mil. As imagens são divididas em formato do conteúdo em *Carrossel* e/ou *Outras Publicações*, sendo carrossel melhor em 461 de alcance e 94 de engajamento, contra 447 e 68 em outras. O perfil possui um *engajamento* considerado muito bom, com 1,9 mil (59,3% positivo).

O levantamento com ranking das publicações mais engajadas demonstrou que, em 18 de abril de 2022, a divulgação da volta do ano letivo e as atividades do LEGH (modelo on-line),

teve 205 curtidas. Já a mais comentada foi a homenagem pelo Prêmio Mulheres na Ciência da PROPESC/UFSC 2021 à Professora Dra. Cristina Scheibe Wolff, com 19 comentários. Como mostra o infográfico a seguir:

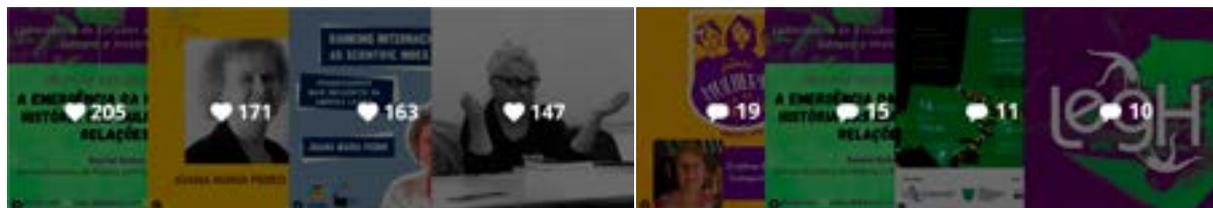


Figura 3 – Infográfico de publicações (*Instagram*) entre o período de 2022 e 2023

Fonte: Elaborado pelas autoras com informações retiradas do perfil @legh.ufsc

O canal no YouTube (@GeneroeHistória)

O Laboratório de Estudos de Gênero e História iniciou seu canal *Gênero e História* em março de 2020, publicando uma série de vídeos de seu projeto “Mulheres de Luta: Feminismo e Esquerdas no Brasil (1964–1985)”. Desde então, o canal tem sido utilizado para divulgação de projetos vinculados ao laboratório, entrevistas, lançamentos de livros e conversas com as autoras, atuando na disseminação de conteúdo científico nas redes.

A coleta de dados do YouTube para esta investigação foi feita até 04 de outubro de 2023, através do YouTube Studio, uma plataforma utilizada para criadores de conteúdo monitorarem o desempenho de seu canal. O canal “Gênero e História” obteve 6396 visualizações nos últimos 365 dias (19% a mais do que no ano anterior), o que resultou no total de 366,8 horas de conteúdo assistidas nesse período e aumento de 157 pessoas inscritas (29% a menos do que no ano anterior). Até este período, o canal possui 1,56 mil inscrições.



Figura 4 – Visão geral do canal Gênero e História

Fonte: Gráficos retirados da plataforma YouTube Studio

Sobre o alcance

Ao analisar o perfil etário e de gênero dos espectadores do canal, deparamo-nos com a ausência de informações. Contudo, foi possível acessar o meio pelo qual o público encontra o canal, e se esse público é composto de espectadores recorrentes ou novos. Ao analisar os dados do último ano, podemos observar que a maioria das pessoas encontra os vídeos do canal do LEQH através da

pesquisa na plataforma do YouTube (37,2%), indicações externas, como links no Instagram, envio por e-mail, entre outros (16,8%) e vídeos sugeridos (13,3%).

Conforme a análise dos últimos noventa dias, foi possível observar que as visualizações são majoritariamente compostas por espectadores que estão acessando o canal pela primeira vez. Esses dados podem indicar que o canal expande seu alcance através do uso de múltiplas redes sociais, mas tem uma baixa capacidade de retenção do público, que não retorna para acessar mais do conteúdo posteriormente.

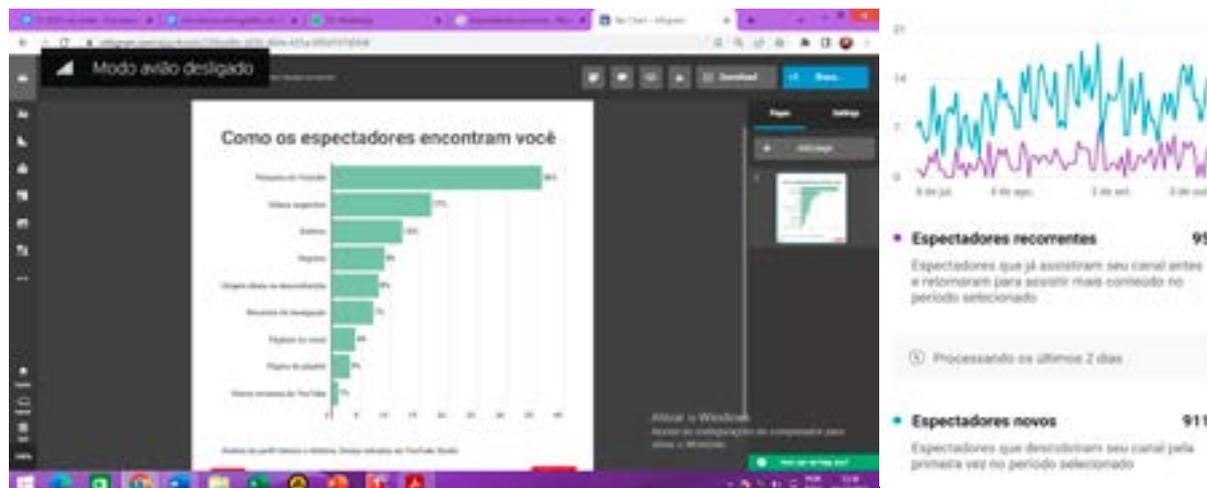


Figura 5 – Mapeamento dos espectadores
 Fonte: Dados retirados da plataforma YouTube Studio

Sobre o conteúdo

Os vídeos mais acessados do canal “Gênero e História” mantiveram-se no topo também nesse último ano: dos dez vídeos mais acessados de outubro 2022 a outubro de 2023, nove deles pertencem à série “Mulheres de Luta”, que possui os maiores índices de visualizações e engajamento:

Tabela 2 – Desempenho de vídeos mais populares do canal YouTube (Gênero e História) entre 2022 e 2023

Título do vídeo	Data de publicação	Visualizações no último ano	Porcentagem média de tempo de visualização
Mulheres de Luta - Ep. 3: Movimento Feminista	Abr. 14, 2020	702	20,03%
Mulheres de Luta - Ep. 6: Mulheres Rurais	Mai. 5, 2020	480	33,54%
Mulheres de Luta - Ep. 11: Lésbicas	Jun. 9, 2020	409	23,23%
Mulheres de Luta - Ep. 1: Mulheres Militantes de Esquerda	Mar. 31, 2020	391	20,49%
Mulheres de Luta - Ep. 5: Mulheres Negras	Abr. 28, 2020	215	25,98%

Fonte: Elaboração das autoras, 2023

Em sua maioria, os comentários envolvem agradecimentos e elogios à produção dos vídeos, vindos de pessoas que seguem o canal. No entanto, vídeos com maior alcance ou que abordam temas considerados polêmicos trazem comentários que fogem do padrão dos espectadores do canal “Gênero e História”. A análise de comentários recebidos por esta rede não será aprofundada com a atenção devida, mas será contemplada particularmente em futuras investigações, uma vez que envolve atenção ao contexto político-social brasileiro, por exemplo.

O canal publicou nove vídeos no período analisado, que abordam conversas com autores de livros, mesas redondas, aulas inaugurais e lançamentos on-line, totalizando setenta e seis vídeos no canal (incluindo públicos e não listados). O Laboratório categoriza seu conteúdo em quatro playlists, sendo essas “Projeto Políticas da Emoção e do Gênero”, “Conversa com as Autoras”, “Aulas, Conferências e Entrevistas” e “Mulheres de Luta”.

As métricas do canal “Gênero e História” seguem um padrão de desempenho similar ou levemente superior a outros canais parecidos, considerando seu início relativamente recente. Notamos que as primeiras publicações do canal (série “Mulheres de Luta”) tiveram o melhor desempenho, e seguem populares até os dias atuais, enquanto publicações mais recentes não têm conseguido alcançar métricas semelhantes. Apesar disso, o canal apresentou aumento de diversos índices neste ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo um saldo negativo apenas no aumento de seguidores, que havia sido maior em 2022.

Após os dados levantados das plataformas virtuais, como o *site* oficial do LEGH e suas redes sociais do Instagram, Facebook e YouTube, foi possível compreender a materialidade que os meios digitais desempenharam e vem desempenhando nas articulações científicas e políticas, uma participação importante e relevante tanto para divulgação de pesquisas e resultado, quanto na formação de redes solidárias e de interação entre comunidades que discutem, resistem e pautam temáticas relacionadas a gênero.

Considerações finais

Os estudos na área de gênero e feminismo vêm compreendendo a internet e as redes sociais como pontos importantes de organização, comunidade, suporte, identidade e também disputa na luta pelos direitos e defesas (VALENTE, 2023). Como aponta Florencia Rovetto (2019, p. 508) em seu trabalho sobre as articulações das lutas feministas, as possibilidades oferecidas pela internet amplificam as vozes de mulheres, com suas lutas e reivindicações, em um ritmo que complexifica a dinâmica conflitiva de um mundo carregado de desigualdades.

Fazendo conexão sobre os estudos de gênero e a internet, como citado acima, mencionamos o papel que as redes sociais do LEGH desempenharam no ano de 2018, período em que Jair Messias Bolsonaro, candidato autodenominado de extrema direita, foi eleito Presidente da República. Durante este período, as redes sociais on-line do Laboratório não apenas serviram como um meio efetivo de divulgação científica, mas também se transformaram numa ferramenta estratégica de enfrentamento. Através do perfil de Instagram e do canal no YouTube, especialmente, o Laboratório compartilhou conhecimentos e também se solidificou como uma comunidade politicamente posicionada num momento de muitos ataques contra discussões sobre gênero, feminismos e sexualidades, temáticas que também foram fortemente pautadas e deturpadas em notícias falsas e alavancadas

por movimentos de direita que vão contra a falaciosa “Ideologia de Gênero”, como é o caso do “Escola Sem Partido” que, desde 2014, vem ganhando notoriedade.

O fortalecimento dessa presença digital não apenas reforçou os laços internos da comunidade do LEGH, mas também destacou a grande importância de espaços on-line dedicados à promoção de discussões inclusivas e resistência em face de adversidades políticas. Este episódio histórico resalta o papel significativo que as plataformas digitais desempenham na disseminação de informações e na construção e sustentação de comunidades resilientes em momentos críticos.

Este levantamento inicial revelou, ainda, como a comunidade cresceu conforme a internet foi se expandindo, tanto em termos de usuários, quanto em termos de compartilhamento e possibilidades de criação de conteúdo. Acreditamos que LEGH, portanto, vem expandindo sua presença na internet e se tornando, também, instrumento de conhecimento, acolhimento e luta feministas, ainda que em disputas constantes.

Referências

AGUIAR, Jacqueline Gomes de. A Pesquisa Etnográfica Online em Tempos de Cultura da Convergência. *Revista Observatório*, [S. l.], v. 5, n. 6, p. 109–131, 2019.

IRE, Binah e SILVA, Janine Gomes da. O acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História - LEGH: pesquisas e histórias feministas. in: WOLFF, Cristina S., ZANDONÁ, Jair e MELLO, Soraia C. *Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)*. Curitiba: Appris, 2019, pp. 349-369. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/201257>. Consulta em 16/11/2023.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

ROVETTO, Florencia Laura. Las Luchas Feministas y las Periodistas con Visión de Género: Una Articulación Indispensable. In: *Mundos de Mulheres no Brasil*. VEIGA, Ana Maria; NICHNIG, Claudia Regina; WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair Zandoná (org) – Curitiba: CRV, 2019.

SILVA, Janine G. da; PEDRO, Joana M.; WOLFF, Cristina S. Acervo de pesquisa, memórias e mulheres: o Laboratório de Estudos de Gênero e História e as ditaduras do Cone Sul. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 71, p. 193-210, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i71p193-210. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/152716>. Acesso em: 16 nov. 2023.

VALENTE, Mariana. *Misoginia na Internet: Uma Década de Disputas por Direitos*. Editora Fósforo, São Paulo: 2023.

LEGH. Disponível em: <https://legh.cfh.ufsc.br/>. Acesso em: 23 nov. 2023.